



Reflexões acerca das práticas de letramento em tempos de mídias digitais

Considerations about literacy practices in digital media times

Adelcio Machado dos Santos¹

Inês Staub Araldi²

Resumo

O estudo é uma pesquisa sobre conceitos fundamentais no processo ensino aprendizagem com a utilização das práticas de letramento em tempos de mídias digitais, e a sua relação com as habilidades a serem desenvolvida. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, não surgiram em decorrência do setor educacional, são processos interdependentes e complementares quando o assunto é a linguagem contemporânea. As habilidades e competências requeridas são diferentes, quando o uso da linguagem se dava através da fala/escuta, leitura/escrita. O multiletramento trata além das linguagens e funcionalidades, na era digital a interação humana, experencia o reinado da imagem. Concluímos que as mudanças advindas do letramento digital e multiletramento, decorrentes do uso das tecnologias da informação que se fazem sentir ao longo do percurso. No que diz respeito ao ensinar e ao aprender, até o momento, convivemos com a coexistência de métodos e de meios.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Letramento Digital. Multiletramento.

Abstract

The study is a research about fundamental concepts in the teaching-learning process with the

¹ Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp), Rua Victor Baptista Adami, 800, Centro, Caçador - SC, CEP: 89500-000. E-mail: adelciomachado@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

² Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro Universitário (FACVEST), Av. Mal. Floriano, 947, Centro, CEP: 88503-190, Lages - SC. E-mail: ines.araldi@unifacvest.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2595-4594>

use of literacy practices in times of digital media, and its relation to the skills to be developed. Digital Information and Communication Technologies have not emerged as a result of the educational sector, but are interdependent and complementary processes when it comes to contemporary language. The skills and competencies required are different, when language use was through speaking/listening, reading/writing. Multilingualism deals with more than just languages and functionalities; in the digital age human interaction experiences the reign of the image. We conclude that the changes arising from digital literacy and multilingualism, resulting from the use of information technologies are felt along the way. As far as teaching and learning are concerned, so far we coexist with the coexistence of methods and media.

Keywords: Literacy. Literacy. Digital Literacy. Multilingualism.

Introdução

Dizer que nós vivemos na era da polarização tecnológica, que nos encontramos radicados em um período particular da história da humanidade em que tudo se transforma com rapidez inacreditável e que, por isso mesmo, é quase impossível acompanhar as principais tendências diretamente relacionadas com o nosso dia a dia, é ser redundante. Na vida e no trabalho, todos nós já percebemos isso. Em um constante comprar e trocar, o que temos se torna obsoleto, e o que sabemos, já não basta.

Neste processo, muitos são excluídos por não poder comprar, outros por não saber manusear, outros ainda, por não poder acompanhar as tendências por falta de tempo, de conhecimento, de interesse, e assim por diante. Não apenas os programas que fazem funcionar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), ou os equipamentos que lhes dão suporte, necessitam de atualizações constantes. (SILUS *et al.*, 2020).

Os autores ainda expressam a preocupação com o sentimento generalizado que sentimos, a partir do fechamento educacional durante a pandemia do coronavírus, demonstrada pela necessidade na aquisição de equipamentos mais potentes e funcionais, seja pela atualização de conhecimentos necessários ao manuseio, seja para evitar uma perda de tempo educacional.

Muitos dos recursos voltados as TDICs adentram as nossas casas e as unidades educacionais, o processo ensino-aprendizagem, no sentido amplo da expressão encontra-se impactado, e este impacto precisa ser discutido. Silus *et al.* (2020), apontam alguns aspectos como, o uso excessivo das TDICs; dificuldades de docentes e discentes em seu manuseio; a

criação além, da expectativa prática de seu uso para a eliminação do ensino presencial; dificuldades socioeconômicas para aquisição dos componentes; horizontalidade da relação professor – aluno – professor e o letramento digital.

A TDICs não foram criadas exclusivamente para o ensino – aprendizagem, mas para resolução de inúmeros problemas de informação. São componentes como o computador, o telefone celular, televisão, entre outros, entretanto, não estão disponíveis a todos e a todo momento. Conceição; Santos (2022), colocam que as TDICs são consequência da quarta revolução industrial, que a ideia de pensarmos que vivemos em um mundo digital e tecnológico é perigosa, já que a realidade é o oposto.

No Brasil, 39% dos alunos que frequentam o ensino público não têm computador em casa, mas 98,6% dos brasileiros possuem ao menos um telefone celular, 46,2% possuem um computador e 31,9% possuem uma televisão. (IBGE, 2019).

Neste trabalho, partimos do princípio de que as formas de uso da linguagem e os meios de aquisição, através dos quais a linguagem circula nos diferentes contextos, influencia os processos de ensinar e de aprender. Conseqüentemente, as grandes mudanças que ocorrem nos meios, através dos quais a linguagem circula, suscita debates teóricos que reelaboraram conceitos como o de alfabetização, letramento, letramento digital e multiletramentos. (IMPERADOR, 2021).

Os conceitos acima mencionados são fundamentos importantíssimos nos processos que contemplam o ensinar e o aprender, isto porque a linguagem, em suas diferentes formas – oral, escrita, de sinais, imagética, multimodal – é o mecanismo fundamental e necessário para dar forma ao pensamento, torná-lo compartilhável. (GRANDE, 2021).

A linguagem é o instrumento pelo qual os demais conhecimentos se tornam acessíveis e compartilháveis, daí sua relevância no processo ensino-aprendizagem. É ela também, é um objeto de estudos.

Os Multimeios Digitais e o Multiletramento

Se, como afirma Pierre Lévy (1993), a estabilidade das instituições, dos dispositivos de comunicação, das formas de fazer, das relações com o meio ambiente natural e das técnicas em geral, se deve a algumas formas de ver e agir compartilhadas por grandes populações durante certo período de tempo, então o surgimento de novos dispositivos e novas formas de fazer desestruturam esta estabilidade.

Quando uma circunstância como uma mudança técnica desestabiliza o antigo equilíbrio das forças e das representações, estratégias inéditas e alianças inusitadas tornam-se possíveis. Uma infinidade heterogênea de agentes sociais exploram as novas possibilidades em proveito próprio (e em detrimento de outros agentes) até que uma nova situação se estabilize provisoriamente, com seus valores, suas morais e sua cultura locais. Neste sentido, a mudança técnica é uma das principais forças que intervêm na dinâmica da ecologia transcendental. A técnica não é sinônimo de esquecimento do ser ou de deserto simbólico, é, ao contrário, uma cornucópia de abundância axiológica, ou uma caixa de pandora metafísica. (Lévy, 1993. p 16).

O desenvolvimento constante de TDICs vem transformando os modos de elaborar e compartilhar mensagens, textos e informações de modo geral. (BARTOLOMÉ *et al.*, 2021). O fato pode ser considerado como o surgimento de uma nova técnica, no sentido em que esta é concebida por Lévy. Lembramos, porém, que esta nova técnica não surgiu em decorrência de uma necessidade do setor educacional.

Nem os aparelhos através dos quais as informações circulam, nem os recursos utilizados na elaboração e no compartilhamento das informações, foram desenvolvidas com a finalidade de atender a uma demanda do setor educacional. A grande maioria dos recursos digitais foram desenvolvidos com a finalidade de atender ao mercado e ao público consumidor de uma forma geral, e é, desta forma, explorados pelos diferentes agentes sociais, em detrimento de todos aqueles que, por uma ou outra questão, se encontram impossibilitados de acompanhar as tendências que são implantadas em função da disponibilidade dos novos meios. (ALVES; FERRETE; SANTOS, 2021).

Entretanto, como uma parte dos recursos aos quais nos referimos veio para modificar tanto a forma de produção de mensagens, textos, informações em geral, quanto os meios de circulação deste conteúdo, estes recursos se fazem presentes no contexto e ambiente educacional, e o transformam significativamente.

Podemos considerar o uso das TDIC no setor educacional uma aliança, no sentido atribuído ao termo por Lévy, mas esta aliança não é tão inusitada, certamente. A produção técnica e a tecnologia estão intrinsecamente ligadas pelos agenciamentos societários e aos projetos políticos. As TDIC, como técnica de comunicação e artefatos tecnológicos, devem servir a sociedade pautada em princípios éticos, entretanto assistimos a dinâmica capitalista em todos os campos. (MARFIM; PESCE, 2019).

O objetivo da escola é ensinar o aluno a ler o mundo, como defendia Paulo Freire (1974), então todos os eventos de letramento são objeto de estudo, inclusive o letramento digital. Da mesma forma, todos os recursos disponíveis podem se tornar meios para atingir este objetivo. E é neste interstício entre o que se ensina na escola e o que é imprescindível aprender que o conceito de letramento se desdobra e se ramifica.

Desta forma, podemos considerar que, em um processo de apropriação de conhecimentos, a alfabetização e os multiletramentos são processos interdependentes e complementares quando o assunto é a linguagem contemporânea. A funcionalidade das mídias digitais e a necessidade de domínio de seus recursos em função de seu uso prático em atividades cotidianas tais como ir ao caixa eletrônico, mandar mensagens de voz ou de vídeo, acessar serviços disponibilizados através de aplicativos como aqueles prestados pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INSS), Departamento de Trânsito (DETRAN), acompanhar ou ministrar aulas *online*, realizar compras, agendar consultas, entre tantas outras situações.

Portanto, torna-se necessário um tipo de conhecimento que já não cabe no contexto escolar, mas que mesmo assim precisa fazer parte dele, sob pena de marginalizar pela ignorância àqueles que não tem outra forma de acesso aos meios digitais. (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

2.1 Letramento Digital

As habilidades e competências requeridas pelo usuário das tecnologias digitais voltadas à comunicação são diferentes daquelas utilizadas anteriormente, quando o uso da linguagem se dava através da fala/escuta, leitura/escrita. As multiformas da comunicação atual requerem um conjunto de recursos multifuncionais cuja aplicação nos processos de ensino e aprendizagem não havia sido anteriormente discutida, no campo teórico, através dos conceitos de alfabetização e/ou letramentos.

Desta forma, entre os teóricos que debatem o tema, surge o conceito de letramento digital. O tema, ainda, carece de uma definição mais precisa acerca de sua abrangência e aplicabilidade prática. Embora, o eixo central quase sempre seja o mesmo, podemos encontrar variações significativas entre os teóricos.

Para Marfim; Pesce (2019), o letramento se encontra ligado à cultura digital, a integração das TDIC ao processo de ensino – aprendizagem, devemos fracionar e estabelecer claramente os conceitos de alfabetização, letramento e desenvolvimento intelectual.

O letramento pode assumir o conceito de domínio digital e capacidade intelectual de mídias, assim sugere-se que,

O letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, *links e hiperlinks*; elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais). Ele precisa também ter capacidade

para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais. (AQUINO, 2003, p. 1-2).

Em sentido mais restrito, o termo costuma ser utilizado para fazer referência às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, refere-se à escrita e leitura de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares, *e-reader* e *tablets*, ou em plataformas como as que dão suporte aos e-mails ou para as redes sociais na *web*. Nos últimos anos, vem aumentando a leitura *online* ou a utilização de leitura em dispositivos de telas em suas diferentes formas, totalizando 23% de busca por livros em leitura virtual e 43% em livraria física. Vale lembrar, que 52% dos brasileiros são leitores, 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro físico. (RODRIGUES, 2016; CENPEK, 2020; GEEK, 2022).

Neste sentido, podemos considerar letrado digital o indivíduo que sabe se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Mas, se considerarmos as práticas comunicativas ambivalentes dos ambientes virtuais, então ser letrado digital também, implica em tornar-se habilidoso na interação através dos aplicativos de *software* de videoconferência, o que por sua vez implica em dominar técnicas de comunicação virtual e apresentações *online*. (FRANCISCO *et al.*, 2019). Estas, por sua vez, podem requerer a produção de vídeos e outros audiovisuais, o que pode levar a necessidade da criação de *sites*, *blogs* e assim por diante.

Na vida prática, ser letrado digital pressupõe desenvolver a habilidade de dominar os recursos tecnológicos necessários para realizar as operações bancárias, compras *on-line*, serviços de transporte, etc. Requer, portanto, aprendizagem contínua e, mesmo assim, esta provavelmente será sempre insuficiente. Isto porque, tanto os suportes materiais que os comportam, quanto os avanços tecnológicos dos recursos de comunicação que se valem das tecnologias digitais estão sempre em constante atualização. (ALMEIDA *et al.*, 2021).

Desta forma, o conceito de letramento digital ultrapassa os umbrais das instituições escolares e já não está mais restrito a um público específico. Todo aquele que faz uso da tecnologia digital é um aprendiz, e poucos possuem as competências de fazer uso de todas as possibilidades que as mesmas nos oferecem.

No que diz respeito às competências da escola no letramento digital, podemos dizer que a alfabetização e o letramento são conceitos que permanecem diretamente relacionados ao processo ensino-aprendizagem que, presumidamente, continua sendo de responsabilidade da escola. (ALMEIDA *et al.*, 2021). O letramento digital, como se pode perceber, está mais

diretamente relacionado ao uso das TDIC, por isso que atinge a todos, estejamos ligados de alguma forma ao processo educacional ou não.

O que é inegável, no contexto atual, é que o uso da linguagem através das TDIC nos coloca impreterivelmente diante da necessidade de empregar novas práticas de letramentos. O processo de virtualização, potencializado pela *internet*, concede nova forma aos fragmentos de escrita em circulação atualmente.

O nosso cotidiano é composto de um abundante universo sígnico, que cresce exponencialmente na era virtual. Já não vivemos em um mundo no qual a comunicação se dá prioritariamente através da palavra falada, escrita ou impressa. (PASSINHO, 2018). Percebe-se facilmente a presença cada vez mais impactante das imagens em todas as formas de interação que se dá através de códigos binários. Conseqüentemente, os estudos da linguagem, que antes tratavam da oralidade, da leitura e da escrita, se deparam com uma variedade em constante mutação de formas de produção, veiculação e apropriação de conteúdo da mensagem.

2.2 Multiletramento

O novo papel de “usuários” das TDIC nos exige habilidades diferenciadas e mutáveis, que necessitam adequar-se a cada nova atualização. E foi a percepção desta mutabilidade acelerada e constante das formas de comunicação que fez o *New London Group* (GNL), forjar o termo multiletramentos, em 1996, conforme informações de Rojo & Moura (2019). Se as tecnologias digitais estão em constante atualização, e se estas tecnologias adentram definitivamente nosso cotidiano, então estamos todos diante da necessidade premente de dominar,

[...] um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. (LÉVY, 1999, p. 17).

O conjunto de técnicas e práticas a que se refere Lévy (1999), está relacionado ao uso que fazemos da rede mundial de computadores, e a necessidade de nos familiarizarmos com seus recursos caminha *pari passu* com a informatização de serviços essenciais. Uma vez que os aplicativos são utilizados para atender as necessidades básicas como o provimento de uma refeição, a solicitação de transporte, tele entrega de medicamentos, transações bancárias, emissão de documentos, entre tantas outras possibilidades, já não temos escolha a não ser a

apropriação satisfatória destes recursos. Não se trata apenas das novas formas de comunicação, mas de um novo estilo de humanidade.

O sistema monetário chinês, que caminha aceleradamente rumo à transição que substituirá a moeda, os cartões de crédito e débito, enfim, todas as formas de representação de valor monetário precedente, em dinheiro digital. Um exemplo, para um chinês fazer pagamentos de qualquer natureza, basta escanear um código de barras (QR). Por ser prático e eficiente, o sistema rapidamente caiu na preferência dos usuários, e a moeda digital já substituiu o dinheiro vivo e os cartões magnéticos, que caem em desuso. (NINIO, 2010).

Os mais tecnológicos comemoram, mas é fácil perceber que o novo sistema cria um problema para aqueles que não tem acesso ou que não estão familiarizados com as tecnologias. (ALVES *et al.*, 2021). Grupos sociais como os idosos e os menos favorecidos, todo aquele que por uma ou outra razão não possua um *smartphone* com acesso à rede, ou os que simplesmente não se adaptam a esta forma de gerenciar a vida financeira, passam a ter limitações de acesso a certas transações. E aparentemente não há nada a ser feito. Mais cedo ou mais tarde a modalidade se alastra, ganha o mundo, avança, à revelia de quem possa preferir o sistema antigo.

No Brasil, o exemplo mais próximo e recente disso é o Pix. Criado pelo Banco Central, o sistema de pagamentos eletrônicos do Brasil foi lançado oficialmente no dia 05 de outubro de 2020 e teve o início de seu funcionamento integral em outubro do mesmo ano. Prático, ágil e eficiente e com um argumento imbatível: não cobra taxas para realizar a operação, a ferramenta caiu no gosto do público. Segundo estatísticas do Banco Central, em março de 2021 o sistema contou com 200.000.000 de chaves cadastradas e um volume de 400.000.000 transações realizadas. (BCB, 2022).

A explanação anterior tem o objetivo de evidenciar que, na vida prática, o conceito de multiletramento já não pode tratar apenas das linguagens e suas funcionalidades. Ao indivíduo contemporâneo é exigido ler, ouvir, assistir e elaborar textos, utilizando elementos diversos semióticos e bases de valores políticos, sociais, morais, culturais, entre outros. (SOUSA, 2019). É indispensável que abranja todo um contexto que envolve as múltiplas relações que se estabelecem e se movimentam em torno da rede mundial de computadores.

Se antes da era digital o alfabeto capitaneava o processo de interação humana, experienciamos na contemporaneidade o reinado da imagem. É cada vez maior a necessidade de lermos os ícones na área de trabalho dos aparelhos eletrônicos, e os *emoticons* que concorrem com as simplificações da escrita nas mensagens.

Estamos diante de um fenômeno de comunicação, cujas regras se ditam mais pelo entendimento da mensagem e da agilidade com que pode ser compartilhada do que pela correção gramatical da mesma, daí a proliferação de símbolos que substituem frases inteiras, de imagens que pretendem expressar emoções, ações e reações humanas, da imensidão de cores e bandeiras que representam os mais variados grupos. Cada uma destas imagens é de uma simbologia que merece estudo à parte, mas elas entram soberanas na linguagem do dia a dia e, a nosso modo, todos parecemos realizar satisfatoriamente o processo cognitivo de atribuição de significado.

Para Souza (2019), as práticas sociais fomentaram as relações no âmbito da *internet*, a necessidade de interagir leva os indivíduos a buscar os seus iguais ou os seus grupos/iguais, através de um “texto” próprio. Trata-se de um novo sistema de escrita, ou melhor, é o surgimento de uma nova estratégia ou de uma técnica de comunicação, que surge em resposta às transformações provocadas pela tecnologia em nosso modo de vida anterior.

A esta pluralidade de linguagens que circula em multimeios, como *blog*, *Facebook*, *Twitter*, *entre outros*, os teóricos respondem com um conceito tão amplo e expansivo quanto o próprio contexto que o origina. Reunidos em Nova Londres (EUA), em 1996, um grupo de pesquisadores americanos e australianos, conhecidos como o *New London Group* (GNL) cunha o conceito de multiletramentos.

Os pesquisadores do GNL ressaltavam que os textos, em parte devido ao impacto das novas mídias digitais, estavam mudando e já não eram mais essencialmente escritos, mas se compunham de uma pluralidade de linguagens que eles denominaram multimodalidade. Para eles, o mundo estava mudando aceleradamente na globalização: explosão das mídias, diversidade étnica das populações em trânsito, multiculturalidade. Isso tinha impacto não somente nos textos, que se tornavam cada vez mais multimodais, mas também na diversidade cultural e linguística das populações, o que implicaria mudanças necessárias na educação para o que chamariam de multiletramentos. (ROJO; MOURA, 2019, p. 19-20).

É inegável que o GNL fez uma leitura pertinente acerca das modificações da linguagem através da sua circulação pelos multimeios. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que o surgimento de novas técnicas não significa que as anteriores se tornam obsoletas e que não são mais necessárias.

O termo alfabetização continua a ser usado em referência ao processo que inicia o aluno no universo letrado. (LUSTOSA; SOUSA, 2018). O código da escrita, composto pelas letras, se confunde com o conceito porque as letras estão na base da linguagem e sua utilização é necessária, se não na elaboração de uma mensagem – visto que a tecnologia nos oferece os multimeios – pelo menos na sua leitura. Ou seja, tanto o conceito quanto a prática resistem ao novo. Mais do que isso, fazem parte dele.

Embora a linguagem contemporânea esteja adaptada aos meios tecnológicos que requer a agilidade adquirida na substituição das letras anteriormente empregues pelo uso de ícones, símbolos, *emoticons* e toda sorte de recursos que podem ser utilizados na elaboração de uma mensagem, a leitura da mensagem e sua relação com o contexto ainda deve ser realizada com base no código escrito, ou seja, o alfabeto.

No interessante diálogo, mediado pela jornalista e ensaísta Jean Philippe de Tonnac, entre o escritor e filósofo Umberto Eco e escritor, roteirista e diretor Jean-Claude Carrière que originou o livro *Não Contem com o Fim do Livro*, em 2010, os dois consideram que o universo das imagens ilustra a questão da aceleração exponencial das técnicas e nos coloca no século em que, pela primeira vez na História, se inventam novas linguagens. (PEREIRA, 2010). No entanto, os intelectuais advertem para o fato de que,

Sempre que surge uma nova técnica, ela quer demonstrar que revogará as regras e coerções que presidiram o nascimento de todas as outras invenções do passado. Ela se pretende orgulhosa e única. Como se a nova técnica carresse com ela, automaticamente, para seus novos usuários, uma propensão a fazer economia de qualquer aprendizagem. Como se ela propiciasse por si mesma um novo talento. Como se se preparasse para varrer tudo que a precedeu, ao mesmo tempo transformando em analfabetos e retardados todos aqueles que ousassem repeli-la. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 39).

Nesta personificação da técnica, Carrière adverte para o deslumbramento que a era digital tem suscitado. Se comparada à invenção da escrita ou da imprensa, a linguagem digital surpreende pela rapidez com que esta invadi as nossas vidas, e pela versatilidade com que se adapta aos aspectos práticos da vida cotidiana. (ECO; CARRIÈRE, 2010). Sentir-se inapto diante deste aparato acontece com a maioria de nós, uma vez que a infinidade de recursos disponíveis exige adaptação e aprendizado.

Para Carrière, não há motivo para tal deslumbramento, uma vez que cada nova técnica exige uma longa iniciação em uma nova linguagem. (ECO; CARRIÈRE, 2010). E esta será ainda mais longa na medida em que o nosso espírito estiver formatado pelas linguagens que precedem o nascimento da recém-chegada. Para os nativos digitais, a relação da linguagem com os multimeios é naturalizada pelo seu uso. Para os demais, é aprendizagem.

Considerações Finais

O princípio do uso da linguagem e os meios de aquisição são próprios do ser humano, o letramento está intrínseco na alfabetização com o uso das letras no ler e escrever, circulando em diferentes contextos do mundo escolar. As mudanças advindas com a introdução do termo multiletramento no universo contemporâneo, causa mudanças, mas atividades como a

alfabetização e o letramento permanecem, conseqüentemente se insere outras como letramento digital e multiletramento.

Como todo processo em andamento, as implicações decorrentes do uso das TDIC se fazem sentir ao longo do percurso. No que diz respeito ao ensinar e ao aprender, até o momento, convivemos com a coexistência de métodos e de meios.

O termo alfabetização ainda pode ser encontrado em documentos oficiais da área da educação elaborados recentemente. Em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o uso da TDIC merece destaque, e a recomendação para que o professor trabalhe competências e habilidades necessárias ao seu uso é reiterada nos diferentes níveis de ensino. Embora a precariedade de condições oferecidas por grande parte das escolas, ainda torne o letramento digital uma utopia, não podemos nos omitir diante do fato consumado. As TDIC invadem o cotidiano da maioria das pessoas e avançam conforme evoluem os mecanismos de acesso como *e-books*, *tablets*, celulares, entre outros, e isso inclui também os alunos.

Ensinar, no contexto tecnológico digital, é um processo que se dilata pela rede. Ainda é necessário alfabetizar, letrar e auxiliar o aprendiz para que ele alcance o domínio de recursos básicos como as formas de expressão através da linguagem e das operações matemáticas, mas precisamos ir muito além, as exigências do mundo tecnológico estão em constante evolução.

O conhecimento sempre foi estratégia de sobrevivência e, mais do que nunca, ele se torna crucial. Neste contexto em que as informações são multiplicadas ao infinito, em que os recursos de acesso através das quais estas informações chegam até nós se atualizam constantemente, e em que o nosso próprio fazer cotidiano se torna altamente condicionado ao digital e tecnológico, só nos resta ensinar a aprender. Dotar o aprendiz de recursos dos quais ele poderá se valer diante dos desafios que a vida lhe apresentar.

Referências

- ALMEIDA, E. V.; CANTUÁRIA, L. L. C.; GOULART, J. C. Os avanços tecnológicos no século XXI: desafios para os professores na sala de aula. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 7, n. 2, p. 296-322, 2021. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/11738>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- ALVES, M. M. S.; FERRETE, A. A. S. S.; SANTOS, W. L. Reflexões acerca do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na formação inicial docente de uma turma de licenciatura em EaD. **Scientia Plena**, v. 17, n. 01, 2021. Disponível em: <https://scientiaplenu.emnuvens.com.br/sp/article/view/5859>. Acesso em: 15 set. 2022.

- AQUINO, R. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. 3 fev. 2003. Fundação Universia- Coluna Atualidades. Disponível em: <https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/01/28/490613/usa-bilidade-e-chave-aprendizado-em-ead.html>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – BCB. Estatísticas do Pix. **bcb**, Brasília, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/estatisticaspix?> Acesso em: 10 set. 2022.
- BARTOLOMÉ, A.; ESPÍNDOLA, M. B.; LEONEL, A. A.; LIMA, I. N. R. Educação na cultura digital: novas ambiências de aprendizagem e implicações para a formação de professores. **Perspectiva**, v. 39, n. 3, p. 1-22, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andre-Ary-Leonel/publication/355385051_Educacao_na_cultura_digital_novas_ambiencias_de_aprendizagem_e_implicacoes_para_a_formacao_de_professores/links/617c3f98eef53e51e1063638/Educacao-na-cultura-digital-novas-ambiencias-de-aprendizagem-e-implicacoes-para-a-formacao-de-professores.pdf . Acesso em: 23 ago. 2022.
- CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E CULTURA - CENPEC. Retratos da leitura no Brasil: porque estamos perdendo leitores. **Cenpec**, São Paulo, 26 set. 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- CONCEIÇÃO, L. E. G.; SANTOS, T. A. Letramento digital: um estudo do componente curricular de língua inglesa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Communitas**, v. 6, n. 14, p. 48-63, 2022.
- ECO, U.; CARRIÈRE, J.-C. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro. Record, 2010.
- FRANCISCO, E.; FERREIRA, H. M.; GOULART, I. C. V. Letramento digital: do uso das tecnologias digitais à formação dos professores de língua portuguesa, o que se discute sobre isso? **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 12, n. 3, p. 109-127, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5771/577163983009/577163983009.pdf> . Acesso em: 26 ago. 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- GEEK300. Melhores e-readers e leitores digitais. **geek360**, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://geek360.com.br/melhor-e-reader/>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- GRANDE, G. C. Multimodalidade, sinestesia e multiletramentos: subjetividades para formação de professores de língua inglesa. **The ESpecialist**, v. 42, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/52767> Acesso em: 13 ago. 2022.
- IBGE. **Censos 2019**: uso de internet, televisão e celular no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-ecelular-no-brasil.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

- IMPERADOR, C. **Conhecimento científico e divulgação científica**: uma aproximação produtiva em busca do empoderamento e da emancipação. 2021. Dissertação (mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo São Paulo, 2021.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUSTOSA, M. C.; SOUSA, M. S. R. Alfabetização e letramento: englobando a prática atualizada. In: BIÉ, E. F.; SILVA, M. S.; CUNHA JUNIOR, H.; SANTOS, F. S. C.; BIÉ, S. L.; SILVA, E. B. O.; SANTOS M. M.; BILBIANO, F. A. (org.). **Fazer educativo**: ensino e aprendizagem – desenvolvimento intelectual e as relações afetivas em sala de aula. v. 5. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 147-180.
- MARFIM, L.; PESCE, L. Trabalho, formação de professores, e integração das TDIC às práticas educativas: Para além da racionalidade tecnológica. **Education Policy Analysis Archives**, v. 27, p. 89-89, 2019. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/4168/2283>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- NINIO, M. Os chineses estão cada vez mais ricos, mas sem dinheiro no bolso: o celular basta. **oglobo**, São Paulo, 16 out. 2010. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/marcelo-ninio/post/chineses-estao-mais-ricos-mas-sem-dinheiro-no-bolso-o-celular-basta.html>. Acesso em: 3 set. 2022.
- OLIVEIRA, S. S.; SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239>. Acesso em: 3 set. 2022.
- PASSINHO, J. S. **Argumentação e formação do senso crítico**: proposta de trabalho com o gênero anúncio. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/12296/1/Dissertacao_ArgumentacaoFormacaoSenso.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.
- PEREIRA, M. M. Contem com o fim do livro de Umberto Eco; Jean-Claude Carriererè: Rio de Janeiro: Record, 2010. **Dialogia**, v. 9, n. 1, p. 129-130, 2010.
- RODRIGUES, M. F. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa: retratos da leitura. **cultura.estadao**, São Paulo, 18 maio 2016. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>. Acesso em: 5 set. 2022.
- ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SILUS, A.; FONSECA, A. L. C.; JESUS, D. L. N. Desafios do ensino superior brasileiro em tempos de pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5336-e5336, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5336>. Acesso em: 3 set. 2022.

SOUSA, L. D. Letramento e multiletramento. **Revista e-escrita**, v. 10, n. 2, p. 62-72, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268394946.pdf>. Acesso em: 3 set. 2022.

Submetido em: 16.12.2022

Aceito em: 19.01.2023